

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CÍNTIA NEGRÃO NOGUEIRA

SÃO FRANCISCO, UMA RUA DA PAISAGEM URBANA DA CURITIBA ANTIGA

CURITIBA

2012

CÍNTIA NEGRÃO NOGUEIRA

SÃO FRANCISCO, UMA RUA DA PAISAGEM URBANA DA CURITIBA ANTIGA

Trabalho apresentado para obtenção do título de Especialista no Curso de Pós-Graduação em Projeto e Paisagem Urbana, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvana Weihermann.

CURITIBA

2012

TERMO DE APROVAÇÃO

CÍNTIA NEGRÃO NOGUEIRA

SÃO FRANCISCO, UMA RUA DA PAISAGEM URBANA DA CURITIBA ANTIGA

Trabalho aprovado para obtenção do título de Especialista no Curso de Pós-Graduação em Projeto e Paisagem Urbana, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvana Weihermann
Departamento de Arquitetura, UFPR.

Prof. Dr. Alessandro R. Filla
Departamento de Arquitetura, UFPR.

Prof. Dr. Emerson J. Vidigal
Departamento de Arquitetura, UFPR.

Curitiba, 16 de abril de 2012.

RESUMO

Constando no primeiro mapa oficial da Cidade de Curitiba como Rua do Fogo, a Rua São Francisco faz parte da história da cidade, embora venha sofrendo com o abandono e descaso do poder público há décadas. Este artigo apresenta propostas projetuais inseridas no contexto da paisagem urbana e histórica da cidade de Curitiba para as três quadras da Rua São Francisco. Buscando preencher o atual vazio urbano e transformar o local novamente em ponto de circulação e encontro de pessoas, os ensaios seguem a atual tendência de recuperação e restauro do até então degradado Centro Histórico de Curitiba, sem, entretanto, descaracterizar e apagar marcas históricas de tão importante rua.

Palavras-chave: Requalificação Urbana, Centros Históricos, Paisagem Urbana, Rua São Francisco, Curitiba.

ABSTRACT

Appearing on the first official map of the city of Curitiba as “Rua do Fogo” (“Street of the Fire”), São Francisco Street is part of the city's history, though it has been suffering with neglect and indifference from the public power for decades. This article presents design ideas within the urban landscape and historical context of the city of Curitiba for three blocks of the San Francisco Street. Seeking to fill the current urban void and turn the site back into a point of circulation and gathering of people, the tests follow the current trend of recovery and restoration of the previously degraded Historical Center of Curitiba, without, however, mischaracterizing or wiping historical aspects of such an important street.

Keywords: Urban Requalification, Historical Centers, Urban Landscape, São Francisco Street, Curitiba.

RESUMEN

Constando en el primer mapa oficial de la Ciudad de Curitiba como “Rua do Fogo (“Calle del Fuego”), la Calle São Francisco hace parte de la historia de la ciudad, aunque venga sufriendo con el abandono y la indiferencia del poder público hace décadas. En este artículo, se presentan propuestas de proyectos insertas en el contexto del paisaje urbano e histórico de la ciudad de Curitiba por los tres bloques de la Calle São Francisco. Tratando de llenar el actual vacío urbano y convertir el lugar de nuevo en punto de circulación y encuentro de personas, los ensayos siguen la actual tendencia de renovación y restauración del Centro Histórico hasta entonces degradado de Curitiba, aunque sin deformar y eliminar marcas históricas de esta calle tan importante.

Palabras-clave: Renovación Urbana, Centros Históricos, Paisaje Urbano, Calle São Francisco, Curitiba.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Livraria João Haupt, década de 1920	13
FIGURAS 02 E 03 – Rua São Francisco na década de 1970	14
FIGURA 04 – Uso atual da Rua	15
FIGURAS 05, 06 E 07 – Fotos atuais da Rua São Francisco	16
FIGURA 08 – Aspectos Legais de preservação	17
FIGURA 09 – Áreas recentemente reformadas.....	18
FIGURA 10 – Áreas culturais	19
FIGURA 11 – Área de intervenção	20
FIGURA 12 – Cobertura parcial	21
FIGURA 13 – Nova iluminação	22
FIGURAS 14 E 15 – Rua Pedonal	23
FIGURA 16 – Área artística.....	24
FIGURA 17 – Praça entre R. São Francisco e Av. Presidente Faria.....	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
TEORIZAÇÃO E CONCEITUAÇÃO	7
Paisagem Urbana e Centros Históricos.....	7
Curitiba e a preocupação com seu Centro Histórico.....	9
A RUA NA CIDADE BRASILEIRA.....	12
A RUA SÃO FRANCISCO.....	13
O centro de Curitiba e a Rua São Francisco.....	13
Análise de dados do entorno da Rua São Francisco.....	15
Uso atual da Rua	15
Aspectos Legais – Preservação.....	17
Áreas recentemente reformadas.....	17
Áreas culturais.....	18
PROPOSTAS E LINHAS GERAIS DO PROJETO	20
Cobertura.....	21
Iluminação	21
Circulação.....	22
Estrutura	24
REFLEXÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto do desenvolvimento de ensaios projetuais de paisagem urbana para a Rua São Francisco, uma das ruas mais antigas da capital paranaense, situada em seu Centro Histórico.

De maneira a apresentar os estudos e pesquisas realizados para a concepção dos ensaios projetuais, o presente trabalho é dividido em quatro partes. No primeiro capítulo são desenvolvidas a teorização e a conceituação do projeto, realizadas por meio de um breve levantamento sobre a percepção histórica da paisagem urbana e a visão e preocupação da cidade de Curitiba com seu Centro Histórico a partir da década de 1970.

No segundo e no terceiro capítulos são apresentados um curto histórico sobre a Rua São Francisco e um recorte de estudo com aspectos pertinentes para a elaboração de projetos e características importantes da rua que dizem respeito ao seu uso atual, à legislação e aspectos históricos e culturais. As propostas e ensaios projetuais encontram-se no último capítulo e aparecem como algumas das soluções possíveis para os problemas encontrados na pesquisa.

TEORIZAÇÃO E CONCEITUAÇÃO

Paisagem Urbana e Centros Históricos

Os primeiros conceitos de paisagem urbana surgem juntamente com a *polis* grega, mas esta ainda separava, em certos momentos, a “paisagem” do “objeto construído”. Este tipo de conceituação segue ao longo da história, passando pela Idade Média – onde havia apenas a distinção entre os núcleos urbanos (paisagem urbana), a área rural (paisagem natural), e espaços privados (o castelo e o jardim particular, um grande cenário apenas para as famílias nobres).

Ao longo do século XIX, acompanhamos a Revolução Industrial, que modifica a maneira da cidade ser vista – seja por artistas, urbanistas, operários e empregadores. Segundo Laugier (apud ALIATA, 2008, p.184), “a fluidez do transporte, em uma expansão ligada com a expansão do mercado, o movimento de coisas e pessoas, tudo isso muda radicalmente a experiência do tempo em vastos setores da sociedade”. Ou seja, aqui temos os primeiros reflexos da sociedade industrial, que impera até hoje: as mudanças da paisagem urbana passam a ser guiadas, principalmente, pela necessidade de transporte e trocas comerciais cada vez mais velozes e globalizadas.

Neste momento, no qual os núcleos urbanos passam a crescer de maneira cada vez mais desordenada e insalubre, vemos a preocupação dos urbanistas e gestores em transformar a paisagem urbana da cidade, tornando-a não apenas um espaço de moradia e trabalho, mas também de lazer e salubridade. Para isso, se utilizam de parques públicos como locais “controladores”, ou seja, deixam de serem espaços contemplativos para serem educativos, recreativos, e, principalmente, darem controle sanitário à cidade. Exemplos importantes surgem no urbanismo inglês e suas cidades-jardim, de Ebenezer Howard, e nos Estados Unidos, com o Central Park, em Nova Iorque.

O que pode ser notado, neste momento da história, é que não há mais um antagonismo entre a paisagem natural e urbana: passamos a contar, dentro destes dois agrupamentos, com paisagens históricas, industriais (fabris), viárias, entre

outras. O processo de modificação espacial é muito intenso a partir da Revolução Industrial, trazendo, desta forma, preocupações não antes vistas na história humana.

O crescimento das cidades faz com que boa parte dos antigos centros urbanos tenha perdido suas principais funções – o de centro comercial, de encontros ou de moradia – para outros novos espaços, principalmente na antiga periferia das cidades. Com a necessidade de criar novas vias para comportar carros, ônibus ou metrô, antigas malhas viárias perdem suas características originais, muitas casas são demolidas e o centro torna-se apenas uma passagem.

Na metade do século XX, iniciam-se movimentos para impedir a degradação dos antigos centros urbanos, principalmente na Europa e Estados Unidos, onde o centro, por ser apenas um local de passagem, não possui atividades, tornando-se, desta forma, um local inseguro. A memória da urbe passa a ser valorizada, e movimentos de recuperação de antigos centros iniciam-se. Conforme observa Luísa Bettencourt:

Cada um destes espaços públicos, com funções, forma, dimensão, arquitetura e valor patrimonial distintos, que resultaram de ‘pedaços’ de memórias da cidade e/ou novos espaços criados por intervenções recentes na urbe, devem constituir referências na cidade, com identidade própria, que contribuem para enriquecer e dar vida à própria cidade.
(BETTENCOURT, 2010, p.66)

Desde 1951, no 5º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), o arquiteto Josep Lluís Sert, retomando recomendações de CIAMs anteriores, alerta que os centros urbanos devem ser locais para promover contatos interpessoais. Para Vargas (2009, p.05), há três etapas de intervenções de centros urbanos:

- 1950 – 1960: Renovação Urbana;
- 1960 – 1980: Preservação Urbana;
- 1990 – dias atuais: Reinvenção Urbana;

Estas etapas são pontuadas por diferentes formas de execução. Na chamada “Renovação Urbana”, coincidente com o final da 2ª Guerra Mundial, há a destruição de grandes áreas antigas para estruturação de novas cidades. Na segunda etapa, a memória do local passa a ser valorizada, e iniciam-se processos de gestão participativa, com consulta aos moradores para atender às necessidades da população. Apesar de boa parte de estas ações ocorrerem na Europa e nos Estados Unidos, este período é marcado pela criação de instituições do mesmo propósito no

Brasil, como a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) e o Instituto Pró-Memória.

A terceira etapa, chamada de “Reinvenção Urbana”, é marcada pelas novas tecnologias hoje utilizadas e a globalização de ações. Com isso, a imagem do local, seu apelo visual, torna-se fundamental para seu sucesso – principalmente no âmbito turístico. Grandes estruturas são realizadas, como a Sony Center, em Berlim; a revitalização da cidade de Barcelona (para as Olimpíadas de 1992) e a revitalização da região de Porto Madero, em Buenos Aires.

Em “Os novos princípios do urbanismo”, de François Ascher, explica-se que vivemos uma nova revolução urbana moderna, guiada, principalmente, pela facilidade que os meios de comunicação nos dão – e sua autonomia ao usuário, levando qualquer conglomerado urbano a um grande conjunto de opiniões e necessidades de sua sociedade. A principal indagação de Ascher (2010, p.81) é: “O que acontece hoje em dia com a noção de limite e como conceber espaços, quando os conceitos de cidade e campo, público e privado, interior e exterior estão completamente revoltos?”. Para isso, o autor sugere uma nova concepção do urbanismo, tornando-o mais flexível, com soluções múltiplas, multissensorial, acompanhando, desta forma, a cidade moderna.

Curitiba e a preocupação com seu Centro Histórico

Curitiba é considerada como referência de propostas urbanísticas, em âmbito mundial, principalmente pelo uso de seus princípios e ideias em algumas cidades do mundo. No tocante ao patrimônio histórico, data-se em 1970 como uma das principais iniciativas para preservação do centro antigo da cidade, através de levantamentos, documentação e propostas, visando, principalmente, a potencialidade do centro como polarizador do ainda tímido turismo à capital paranaense.

Este estudo foi realizado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), e detectou estruturas luso-brasileiras, com ruas estreitas e praças voltadas para igrejas, além de edificações ecléticas e marcos significativo da colonização, principalmente alemã, no centro.

O crescimento de outras áreas da cidade, em consequência da criação de regionais (ou pequenos centros) em outros bairros faz com que o centro se tornasse estagnado. Com novas resoluções para o zoneamento desta área, este fica caracterizado como a área turístico-cultural da cidade.

Ainda com relação ao estudo do IPPUC, foram demonstradas áreas de interesse de preservação, áreas de pouco ou nenhuma relevância ao conjunto, possibilitando, assim, mesclar novas edificações e usos à área central – ou seja, sem transformá-lo em um “museu” a céu aberto. São propostas melhorias na pavimentação e muitas áreas de circulação restrita a pedestres – ligando praças e criando zonas de estar, para eventos e feiras. Seguindo o zoneamento proposto, temos, de forma resumida:

- Usos permitidos: Entidades culturais, escritórios, moradia, ateliers, galerias, restaurantes, cinemas, floriculturas e comércio varejista;
- Usos permissíveis: Hotéis, pensões e estacionamentos (em áreas de miolos de quadra pré-determinados);
- Usos proibidos: postos, oficinas, depósitos, indústria e comércio atacadista.

Uma das maiores preocupações do estudo estava nas propostas viárias, principalmente da Avenida Estrutural Norte, que por sua vez foi executada, em local que “corta” parcialmente o centro histórico e dificultou a aplicação destas ideias. A proposta de preservação do setor histórico contava com a passagem da avenida sob esta área, preservando os calçadões propostos.

As primeiras atitudes tomadas para a requalificação central foram focadas na antiga Rua das Flores, onde foi proibida a circulação de veículos, valorizando assim o pedestre. Algumas ruas adjacentes a esta também foram fechadas, obtendo o mesmo sucesso. No Largo da Ordem, é criada a Feira do Largo da Ordem, com artesanato, antiguidades e comidas típicas. Para Balula (2011, p.102):

A concentração espacial de atividades diversas numa malha urbana densa como a desses bairros centrais determina ainda outra característica fundamental à vitalidade do espaço público: a facilidade de nele se poder andar a pé (*walkability*). (...) Os espaços públicos das áreas urbanas centrais onde haja uma intensa concentração de atividades interligadas por ruas e praças acessíveis e confortáveis para os peões multiplica os contatos

humanos informais, (...) e constitui um território privilegiado para a inserção de atividades criativas. (BALULA, 2011, p. 102).

Com intervenções pontuais durante a década de 1980 e 1990, principalmente em praças, o centro curitibano passava por um novo processo de rejeição e afastamento da população. Em 1997, a Rua das Flores passa por uma grande revitalização e, em meados da década de 2000 grandes obras são realizadas, como a revitalização da Praça Tiradentes (marco zero da cidade), Praça Generoso Marques (e o antigo Paço Municipal, transformado em centro cultural) e a Rua Riachuelo, com troca de pavimentação, pintura das edificações e nova iluminação. A intenção divulgada pelos órgãos públicos é continuar a revitalizar as áreas próximas, como a Rua São Francisco, seguindo o padrão de pavimentação e iluminação da Rua Riachuelo e transformando-a em uma rua de vocação gastronômica, sendo, desta forma, uma continuidade da Feira do Largo da Ordem. Ainda há um estudo para criar um novo passeio turístico por esta área: a implantação de um bondinho percorreria estas áreas, saindo da antiga estação ferroviária da cidade (hoje desativada).

Através do incentivo construtivo para preservação de imóveis de valor cultural, histórico ou arquitetônico (a “transferência do direito de construir”, presente a partir de 1982 na Lei Orgânica do município), os poderes público e privado passam a investir na manutenção de muitas edificações com interesse de preservação. Este instrumento é inovador, sendo hoje citado no Estatuto da Cidade (Lei número 10.257/2001) como valioso recurso para preservação de conjuntos urbanos de cidades brasileiras.

Pode-se afirmar que a cidade de Curitiba, ao longo dos últimos quarenta anos, investe no centro não apenas para manter suas características históricas, mas também com a finalidade de incentivar o seu uso turístico, que se dá, principalmente, nos finais de semana, agregando também eventos e entidades culturais na região.

A RUA NA CIDADE BRASILEIRA

As ruas brasileiras, por sua colonização majoritariamente portuguesa (à exceção de cidades planejadas ou ocupadas por imigrantes, após o século XIX) possuem um grande destaque dentro de suas cidades. São as protagonistas da vida urbana: palco de procissões, feiras e pontos de encontro. Os lotes, descritos por Murillo Marx como “estretos e longos”, são assim concebidos para todos participarem da vida da cidade, através do contato com a rua, seja pelas portas frontais ou pelos balcões, no pavimento superior. Este meio de implantação das edificações “criou”, nos dias atuais, vazios urbanos intra-lote – também devido à falta de técnica para contornar alguns problemas de adequação de terreno, como tipo de solo e inclinação. Para Murillo Marx:

Esses vazios na paisagem urbana são hoje um legado valioso para nossas comunidades. Oferecem amplas perspectivas para as novas necessidades e possibilidades urbanísticas. Sugerem ocupação e uso criterioso. Áreas de recreio, construções públicas, vias de comunicação (...) convidam à superação de seus vícios passados, ao encontro de sua desejada humanização. (MARX, 1980, p. 68).

Outros pontos importantes das cidades brasileiras são os largos e as praças, ambos muito ligados às ordens religiosas presentes no país. Os Largos são continuações das ruas, como local de encontro, ponto para procissão, um dos pontos mais importantes e de maior referência da cidade. Já as praças passam a surgir a partir de jardins eclesiásticos privados. Já fora do centro, surgem passeios públicos (como na Europa, como forma de sanitização da cidade).

Pode-se dizer que as ruas brasileiras, com esse pequeno conjunto de peculiaridades, lhe dá vida própria e cria pontos de perspectiva muito interessantes, ao contrário de cidades cartesianas ou planejadas (como na América Espanhola), além de farto trabalho para historiadores, arquitetos e planejadores urbanos, para adequação à nova realidade das cidades, sem perder sua paisagem histórica.

A RUA SÃO FRANCISCO

O centro de Curitiba e a Rua São Francisco

A hoje conhecida Rua São Francisco é uma das mais antigas da capital curitibana. Surgiu como prolongamento do Largo da Ordem, já que seu crescimento era limitado por condições geográficas (as bacias do rio Belém e Ivo). Pela direção norte, surge a Rua Fechada (atual José Bonifácio) e a Rua do Rosário. Com três irmandades ali estabelecidas (São Francisco de Paula, dos Pretos e do Terço), a Rua São Francisco, para Edilberto Trevisan (1996, p. 106), “surgiu como uma consequência natural desses fatores e seu desenvolvimento tortuoso (...), comprova a vocação congênita de subir, no sentido leste-oeste”. É um dos últimos remanescentes da paisagem colonial brasileira em Curitiba.

FIGURA 01 – Livraria João Haupt, década de 1920



Fonte: COVELLO, Julio (1979) – Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural e Fundação Cultural de Curitiba.

Sua época “áurea” foi no final do século XIX, quando denominada Rua do Fogo, por abrigar prostíbulos e ser muito frequentada à noite. Entre 1830 e 1840, era

chamada de Rua do Hospício, por abrigar o Hospício dos padres da ordem de São Francisco das Chagas. Desde 1871, passou a ter o nome atual, em homenagem à Ordem dos Franciscanos, numa tentativa de melhorar sua reputação. Segundo Hoerner:

A rua está hoje quase tal qual fora no passado, salvo um e outro prédio intrometido. E é das poucas ruas da cidade, pelo menos num trechinho, com ambiente e cheiro de originalidade. (HOERNER, 2002, p. 66).

Sua pavimentação é uma das primeiras da capital, realizada em 1863, utilizando pedras denominadas “matacão”, sendo esta a última rua da cidade em que se pode encontrar este tipo de calçamento. Durante as décadas de 1970 e 1980, juntamente com a remodelação do Centro Histórico, foi realizado um reparo no calçamento. Nos anos 2000, a rua não foi incluída num conjunto de projetos que procurou revitalizar o Centro Histórico curitibano. Conforme já citado, há planos para um projeto de revitalização nos próximos anos.

FIGURAS 02 E 03 – Rua São Francisco na década de 1970



Fonte: MARAVALHAS, Haraton (1978, 1979) – Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural e Fundação Cultural de Curitiba.

Análise de dados do entorno da Rua São Francisco

Uso atual da Rua

FIGURA 04 – Uso atual da Rua



Fonte: Mapa base IPPUC (2010). Editado pela autora (2011).

A Rua possui apenas três quadras. A mais próxima ao Largo da Ordem é aproveitada nas feiras de domingo e em demais dias da semana, por abrigar espaços culturais como o Memorial de Curitiba. Este trecho é restrito à circulação de pedestres e é o melhor conservado.

Após o cruzamento com a Rua Barão do Cerro Azul, constata-se maior degradação, sendo completamente descaracterizado do trecho anterior. Antigamente, abrigava uma gráfica, uma maternidade e comércio vicinal, sendo alguns persistentes até hoje. A maioria dos lotes não possui uso adequado, pois abrigam edificações que se tornaram cortiços ou são subutilizados, abrigando estacionamentos ou terrenos baldios. Há nas extremidades edificações de uso residencial, indicados na figura 04.

A quadra seguinte, entre a Rua Riachuelo e a Rua Presidente Faria, encontra-se em estado mais alarmante. Há apenas três edificações: uma vidraçaria (bem conservada), um centro de estudos (que não interage com a rua) e um aparente galpão pouco utilizado para comércio, como mostrado na figura 07.

Após a coleta geral dos dados obtidos, foram observados quatro grandes aspectos para a elaboração de uma proposta de novos usos da Rua São Francisco.

FIGURAS 05, 06 E 07 – Fotos atuais da Rua São Francisco



Fonte: A autora (2011).

reordenamento da área de pedestres. A Rua Riachuelo, com características históricas semelhantes à Rua São Francisco, recebeu nova pavimentação, iluminação, mobiliário urbano e pintura de algumas fachadas históricas (nem todas estas intervenções respeitaram o caráter histórico do local). A Praça Generoso Marques teve sua área ao redor do Paço Municipal reestruturada, bem como a edificação restaurada e transformada em centro cultural. A Praça Tiradentes, marco zero da Cidade, passou também por uma revitalização.

Atualmente, a Catedral em frente à Praça Tiradentes está sendo reformada e são observadas intervenções pontuais no Passeio Público, com novo mobiliário, readequação de edificações existentes e inserção de novo parque infantil.

FIGURA 09 – Áreas recentemente reformadas



Fonte: Mapa base IPPUC (2010). Editado pela autora (2011).

Áreas culturais

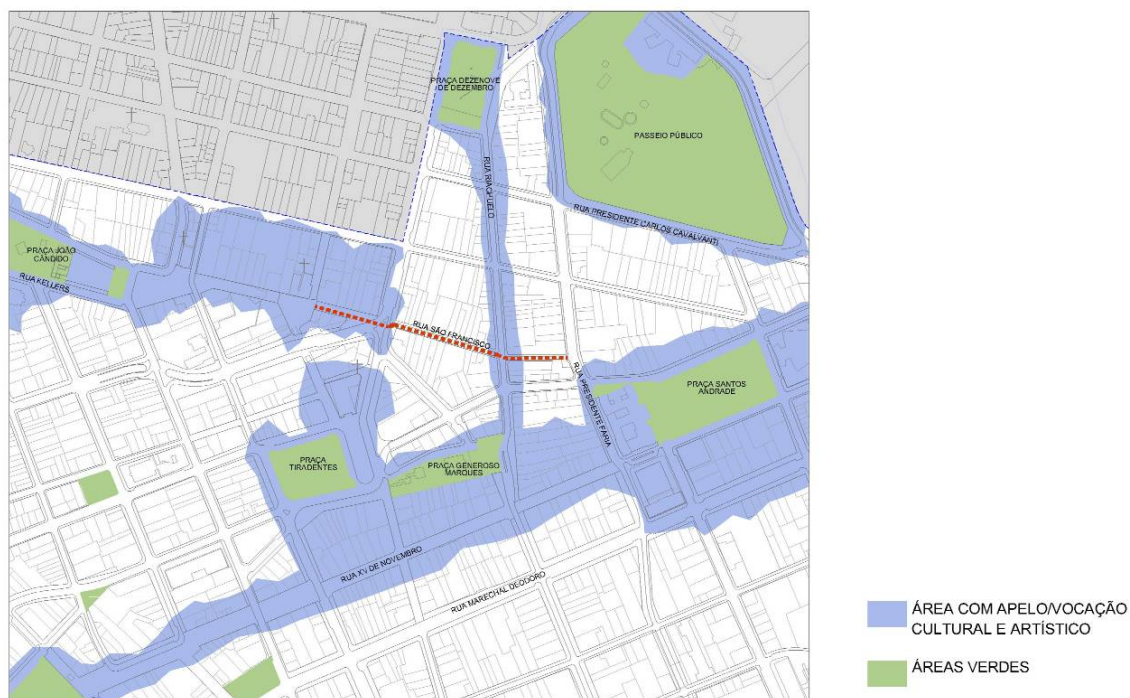
Como já citado anteriormente, a Rua São Francisco está em meio a cartões postais e áreas com intenso fluxo de pessoas na Cidade de Curitiba. Como exemplos próximos, temos o Largo da Ordem, muito utilizado aos domingos para a

tradicional Feirinha. Há também o centenário Passeio Público nas cercanias. Com as recentes reformas, a Rua Riachuelo e a Praça Generoso Marques configuraram-se novamente como atrativos turísticos. Há também a já consolidada Rua XV de Novembro, que atrai tanto turistas quanto moradores de toda a cidade.

No que se refere à educação, há dois campi da Universidade Federal do Paraná (Sede Santos Andrade e Reitoria). O Setor Histórico apresenta-se como polo cultural, pela grande quantidade de teatros, casas de shows e bares, além do Conservatório de Música Popular Brasileira e de museus, conforme mostra a figura 10.

Mostra-se necessário, portanto, o devido aproveitamento da Rua São Francisco, uma vez que está localizada entre o Largo da Ordem, a Praça Generoso Marques e o final do calçadão da Rua XV de Novembro.

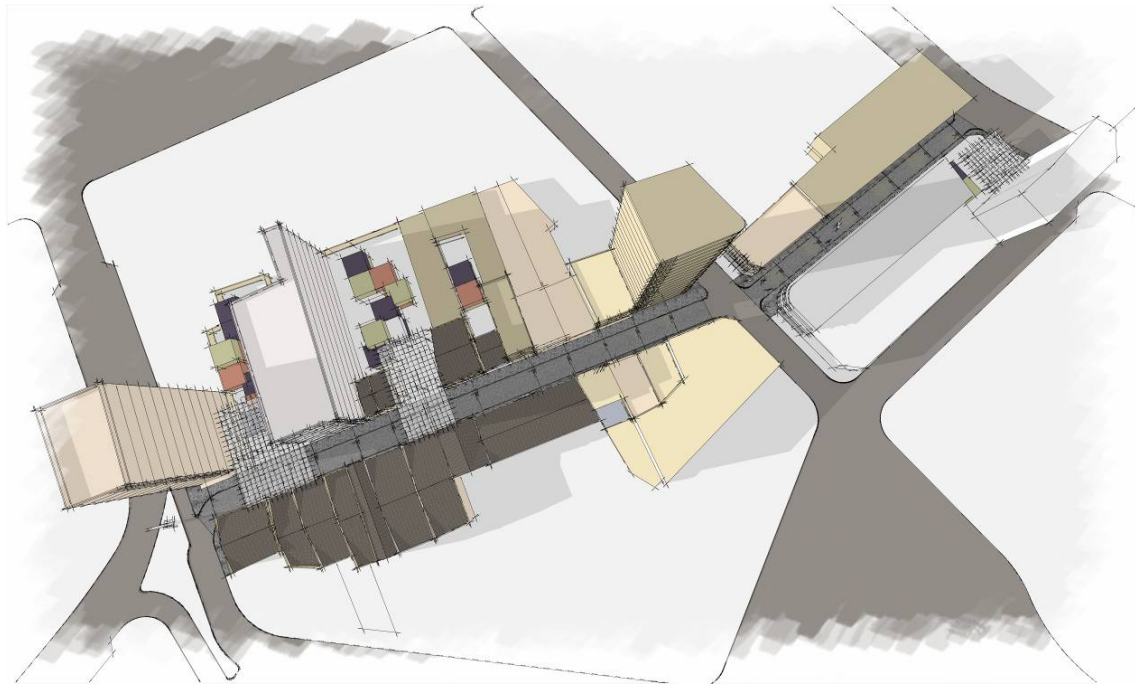
FIGURA 10 – Áreas culturais



Fonte: Mapa base IPPUC (2010). Editado pela autora (2011).

PROPOSTAS E LINHAS GERAIS DO PROJETO

FIGURA 11 – Área de intervenção



Fonte: A autora (2011).

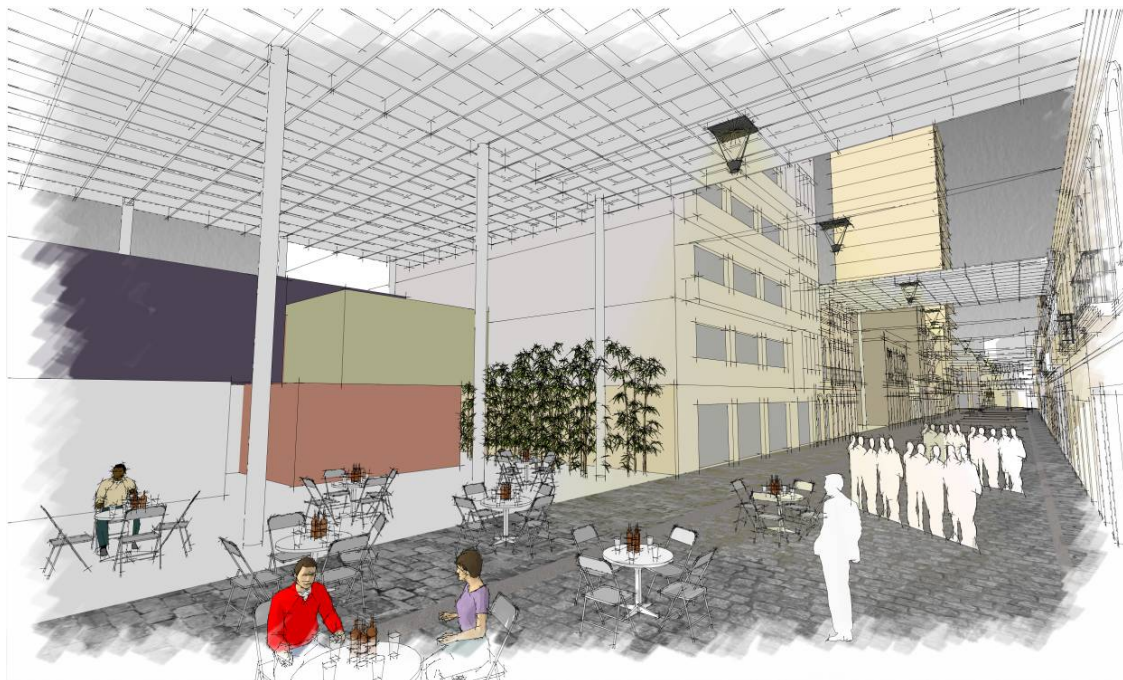
Após a análise dos dados anteriormente citados, podemos concluir que a Rua possui um grande potencial de uso desperdiçado, já que se encontra na área central da cidade, em meio a novos projetos urbanísticos e culturais de Curitiba. O abandono do poder público, bem como a falta de polos culturais faz com que a rua passe a perder sua característica primária: local de encontro de pessoas. A pouca circulação de pessoas, assim como o abandono de construções cria um grande vazio urbano. Desta forma, são propostas para a Rua quatro ações pontuais, baseadas em projetos realizados em outras cidades e até mesmo em Curitiba, com o fechamento da Rua XV e sua ocupação restrita a pedestres (ver figura 11 da área de intervenção). O levantamento das plantas dos imóveis poderá sugerir outras ações com o mesmo sentido dessas propostas.

Cobertura

A cobertura parcial da Rua se dá em pontos onde é proposto o adensamento ou reutilização de lotes hoje ocupados por edificações sem valor histórico ou mal utilizados (áreas de estacionamento, por exemplo).

Cobrir parcialmente a Rua dá a ela um caráter de praça coberta, podendo ser utilizada como área de estar ou pequenos eventos (ver figura 12).

FIGURA 12 – Cobertura parcial



Fonte: A autora (2011).

Iluminação

A Rua São Francisco possui hoje postes unilaterais, com cabeamento aparente. Para isso, faz-se necessário, assim como na maioria dos centros históricos, passar toda a estrutura de cabeamento por baixo da terra, em fibra ótica.

Como a Rua é muito estreita, e o fecho de iluminação atual não supre adequadamente suas necessidades, é proposto um novo sistema de iluminação por catenárias, semelhante ao utilizado antigamente em ruas da cidade. O modelo

proposto possui design contemporâneo, para não criar um falso histórico. Há uma bandeja que traz homogeneidade de iluminação sem ofuscamento. A repetição das catenárias traz também unidade ao conjunto das duas quadras, mostrado na figura 13.

FIGURA 13 – Nova iluminação



Fonte: A autora (2011).

Circulação

O pavimento utilizado em boa parte da Rua São Francisco é um dos últimos remanescentes da cidade do século XIX. Há também pequenas argolas, antigamente utilizadas para deixarem os cavalos presos.

A proposta abrange a preservação da pavimentação, revitalizando áreas necessárias e regularizando as demais. Com a restrição da circulação de veículos, há uma garantia maior de conservação do pavimento e maior visibilidade às edificações históricas, bem como o aumento do volume de circulação de pessoas, como ocorre na Rua XV de Novembro e no Largo da Ordem, conforme figuras 14 e 15.

FIGURAS 14 E 15 – Rua Pedonal



Fonte: A autora (2011).

Estrutura

A Rua São Francisco apresenta lotes passíveis de adensamento, como por exemplo, os terrenos hoje utilizados como estacionamentos. Há também a possibilidade de incentivos por meio de instrumentos ligados ao Estatuto das Cidades para a conservação e uso das edificações chamadas de UIP's.

A quadra próxima à Rua Presidente Faria possui edificações com porte para abrigar espaços culturais diversos, bem como área para manifestações artísticas na própria Rua, tornando-a uma galeria a céu aberto, conforme proposta da figura 16.

Nos terrenos passíveis de adensamento é proposta a instalação de bares, bem como a inserção de pequenos nichos contendo vegetação, tornando a Rua menos árida (figura 17).

FIGURA 16 – Área artística



Fonte: A autora (2011).

FIGURA 17 – Praça entre R. São Francisco e Av. Presidente Faria



Fonte: A autora (2011).

REFLEXÕES FINAIS

Conforme visto ao longo deste artigo, a cidade de Curitiba possui *know-how* para grandes projetos urbanísticos, principalmente no que diz respeito ao patrimônio histórico de seu centro. Infelizmente, por questões políticas ou prioridades maiores, estes projetos não vêm sendo executados em sua totalidade, desde o primeiro plano de preservação, ainda na década de 1970. Isto não quer dizer que as ideias até hoje concebidas devem ser descartadas. Atualmente, o Brasil possui um leque muito maior de instrumentos legais para projetos de arquitetura e urbanismo, e a cidade pode tirar partido disto, através de Parcerias Público-Privadas (PPP), transferência de potencial construtivo e outros recursos do Estatuto da Cidade, bem como financiamento pelo Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES).

As propostas aqui elaboradas, em um nível de plano massa, seguem, em parte, o movimento iniciado para a revitalização da área, através do IPPUC: uma rua temática para o centro curitibano, de forma a atrair tanto moradores como turistas, integrando a área com todo seu entorno e valorizar o mercado imobiliário local a longo prazo, sem deixar a paisagem histórica urbana tornar-se enfraquecida, e sim, uma referência para futuros estudos de cidades que integram suas origens e o dinamismo de seu presente.

REFERÊNCIAS

ALIATA, F; SILVESTRI, G. *A paisagem como cifra de harmonia – Relações entre cultura e natureza através do olhar paisagístico*. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

ASCHER, F. *Os novos princípios do urbanismo*. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

BALULA, L. *Planejamento urbano, espaço público e criatividade. Estudos de caso: Lisboa, Barcelona, São Paulo*. Cadernos Metrôpole, Vol. 13, 2011. Disponível em: <<http://www.cadernosmetropole.net/component/content/article/31/50-204>>. Acesso em 15 out. 2011.

BETTENCOURT, Luísa C. *Espaços públicos e percursos de continuidade nas cidades contemporâneas. Cidades mais atractivas e vividas. O caso da cidade do Funchal*. Revista Malha Urbana, número 09, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/malhaurbana/article/view/1674>>. Acesso em 15 out. 2011.

BRASIL. *Estatuto da Cidade*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

COVELLO, Julio. *Rua São Francisco, aparece o 1º edifício a Livraria João Haupt e tipografia*. 1979. Negativo p/b, 120mm. Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural e Fundação Cultural de Curitiba.

GARCEZ, Luiz Armando. *Curitiba – Evolução Urbana*. Curitiba: Imprensa Universitária da UFPR, 2006.

HOERNER JR, Valério. *Ruas e Histórias de Curitiba*. Curitiba: Artes e Textos, 2002.
IPPUC. *Plano de Revitalização do Setor Histórico de Curitiba*. Curitiba: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, 1970.

MARAVALHAS, Haraton. *Rua São Francisco, com casas de interesse de preservação*. 1977. Negativo p/b, 35mm. Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural e Fundação Cultural de Curitiba.

MARAVALHAS, Haraton. *Rua São Francisco, com casas de interesse de preservação*. 1978. Negativo p/b, 35mm. Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural e Fundação Cultural de Curitiba.

MARX, Murillo. *Cidade Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

TREVISAN, Edilberto. *O Centro Histórico de Curitiba*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1996.

VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. *Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultado*. Barueri: Manole, 2009.